

Zumbi dos Palmares: a afroresiliência

JOSUÉ PETRÔNIO QUIRINO DE OLIVEIRA *

Resumo: O artigo buscou fazer uma releitura de Zumbi dos Palmares sob o prisma da resiliência, demonstrando uma visão singular ao olhar para os escravizados nos quilombos e suas histórias de superação e transformação perante as adversidades, levando não só a reconstruir o imaginário afrodescendente brasileiro com o caleidoscópio da resiliência, mas revelar que a resiliência sempre foi inerente a história dos negros no Brasil. Para tanto se caracterizou como uma pesquisa exploratória com abordagem qualitativa e procedimentos bibliográficos que foram essenciais para a construção do artigo, amadurecendo e ampliando os conhecimentos envolvidos na temática. Nesta abordagem o quilombo dos Palmares foi um conjunto complexo de condições, atitudes e ações que apesar das adversidades tiveram resultados positivos, os fatos demonstraram que os negros nos quilombos foram uma prova que a resiliência negra não foi apenas um fator individual, mas uma característica comunitária que desencadeou um processo de ruptura e recuperação social, um grito de liberdade em defesa da consciência de uma raça, e de um povo. Zumbi não foi apenas um líder de um movimento libertário que marcou a história dos negros oriundos de Pernambuco e Alagoas, mas a história de uma raça por gerações no país, que se tornou sinônimo de resiliência.

Palavras-chaves: Resiliência; Zumbi dos Palmares; Afroresiliência

Abstract: The article sought to re-read Zumbi of Palmares under the prism of resilience, demonstrating a singular vision when looking at the slaves in the quilombos and their stories of overcoming and transforming in the face of adversity, leading not only to reconstruct the Brazilian afrodescendant imaginary with the kaleidoscope of resilience, but to reveal that resilience has always been inherent in the history of blacks in Brazil. For that, it was characterized as an exploratory research with a qualitative approach and bibliographic procedures that were essential for the construction of the article, maturing and expanding the knowledge involved in the theme. In this approach the Palmares quilombo was a complex set of conditions, attitudes and actions that despite the adversities had positive results, the facts demonstrated that the blacks in the quilombos were a proof that the black resilience was not only an individual factor, but a community characteristic which unleashed a process of social rupture and recovery, a cry of freedom in defense of the conscience of a race, and of a people. Zumbi was not only a leader of a libertarian movement that marked the history of blacks from Pernambuco and Alagoas, but the story of a race for generations in the country that has become synonymous with resilience.

Key words: Resilience; Zumbi dos Palmares; Afroresilience.



* JOSUÉ PETRÔNIO QUIRINO DE OLIVEIRA é Mestre em Administração – Propad – UFPE.

Introdução

Novas dinâmicas envolvendo as sociedades implicam muitas vezes em novas configurações no modo de viver e encarar a realidade, o sofrimento, a exclusão, a aflição, as tragédias muitas vezes implicam em um desenraizamento cultural, onde muitas transformações importantes provocam ou desencadeiam a vulnerabilidade de comunidades. E colocam em cheque a capacidade de enfrentar essas adversidades dentro deste contexto imperativo de dificuldades.

Esta capacidade para enfrentar, reconfigurar e avançar diante das circunstâncias tem provocado reflexões, estudos e pesquisas, seja levando em conta a individualidade, ou a coletividade, o resultado destes estudos aponta para uma palavra tão antiga quanto a humanidade, mas moderna quanto as suas diversas aplicações: resiliência. Como esse processo influencia comunidades e indivíduos a resistirem apesar das dificuldades. A resiliência quando ligada ao comportamento humano, significa a habilidade de superar as adversidades, ou seja, as crises, os traumas, e as situações indesejadas são enfrentadas e superadas com uma capacidade ou vontade fora do comum.

Ao longo da história muitas pessoas se tornaram grandes exemplos de resiliência, entre elas o físico Stephen Hawking, que formulou a teoria da cosmologia quântica após ser acometido por esclerose amiotrófica o que comprometeu toda sua mobilidade, já Imre Kertész romancista húngaro sobreviveu ao campo de concentração de Auschwitz e chegou a Prêmio Nobel de Literatura, seguindo o exemplo Vitor Franckl utilizou sua experiência como prisioneiro do campo de concentração nazista mais famoso, como inspiração

para seus estudos sobre a resiliência, escreveu por volta de trinta e dois livros, publicados em vinte e nove línguas, além disso desenvolveu um sistema terapêutico, a logoterapia, centrada na transcendência e na procura do significado da vida (MARTINS, 2014). Anne Frank foi outro grande ícone da resiliência, seu diário se tornou um dos livros mais lidos em todo o mundo, revelou uma jovem condenada a viver escondida com sua família, mas que mesmo diante das mais terríveis atrocidades que viveu nos campos de concentração nunca perdeu a esperança e a alegria de viver.

Resiliência, foi uma das palavras mais utilizadas pelas pessoas que discursaram no funeral de Nelson Mandela, maior líder da África negra, que teve em sua luta contra o apartheid e as desigualdades uma filosofia de vida, um símbolo de coragem, um herói mundial, que deixou um grande legado. Lars Grael, iatista que mesmo perdendo uma perna em uma competição, encontrou forças para reverter esta situação adversa, e em seu livro *A Saga de um Campeão* (2001) aponta que é necessário ressignificar o modo de vida, mudar o foco, ajustar as velas. Marina Silva, ambientalista, enfrentou uma vida de pobreza, doenças, dificuldade no acesso à educação, mas que conseguiu superar as adversidades e até chegar a candidatura ao posto mais alto do Brasil, em sua atuação como ministra foi apontada pelo Jornal Britânico *The Guardian*¹ como uma das 50 pessoas que poderiam ajudar a salvar o planeta, enfim assim como Marina Silva diversos são os exemplos de comportamentos resilientes, de pessoas que em suas histórias de vida, podem

1

<https://www.theguardian.com/environment/2008/jan/05/activists.ethicalliving>

servir de exemplo, de superação, narrativas cheias de significados importantes para construção dos conceitos ligados a resiliência.

No Brasil, um ícone foi considerado o pioneiro nas lutas contra desigualdade e a opressão sofrida por uma raça, por uma verdadeira nação negra, o mártir das minorias, Zumbi dos Palmares, foi o líder do quilombo mais famoso do país. Zumbi é uma das figuras mais misteriosas e intrigantes da história brasileira. Cercado de incógnitas, sua biografia remonta não apenas um cenário de lutas e resistência, mas também a capacidade de um povo resistir, enfrentar a dura realidade em busca de seus ideais. Seria Zumbi dos Palmares não apenas um dos maiores ícones da luta pelas desigualdades, mas diante das adversidades enfrentadas, da escravidão, do sofrimento e opressão, seria ele um símbolo de resiliência? No ser humano a resiliência demonstra não apenas a capacidade de adaptação, mas também de evolução após os momentos de adversidades, com isso ao abordar esse episódio, seria razoável afirmar que ao enfrentar o poder hegemônico vigente em virtude de seus princípios estaria registrado na história das lutas libertárias no Brasil um dos grandes exemplos da resiliência?

Esta pesquisa pretende olhar para história sob um novo prisma, pois a “investigação no âmbito da resiliência criou um novo paradigma quer para os investigadores, quer para a intervenção” (MARTINS, 2014), ou seja, a história afro-brasileira pode ser mais rica e profunda do que pesquisadores desavisados podem perceber. O que demonstra a relevância sobre essas inquietações que fazem do conhecimento em torno da resiliência um aprofundamento da história humana.

Metodologia

Esta pesquisa caracteriza-se como uma pesquisa exploratória com abordagem qualitativa, afinal a “mudança social acelerada e a consequente diversificação das esferas de vida fazem com que, cada vez mais, os pesquisadores sociais enfrentem novos contextos e perspectivas sociais” (FLICK, 2009, p. 21), o que direciona a novas olhares nas mais diversas ciências, o que é apropriado ao novo foco que está pesquisa aborda. Exploratória porque, “pesquisas exploratórias são desenvolvidas com o objetivo de proporcionar visão geral, de tipo aproximativa, acerca de determinado fato” (GIL, 2008, p. 27). E qualitativa, porque “sob o paradigma qualitativo, os estudos buscam entender problemas humanos ou sociais tendo como suporte um quadro complexo e holístico, formado propriamente com palavras que relatam a visão detalhada de informantes” (MARIS et al, 2005, p. 5). E busca como características, as ações de descrever, compreender, explicar os fenômenos investigados (GERHARDT E SILVEIRA, 2009), o que nesta pesquisa se caracteriza pela busca do entendimento da resiliência negra, representada por Zumbi dos Palmares

Por outro lado, uma técnica *qualitativa* é aquela em que o investigador sempre faz alegações de conhecimento com base principalmente ou em perspectivas construtivistas (ou seja, significados múltiplos das experiências individuais, significados social e historicamente construídos, com o objetivo de desenvolver uma teoria ou um padrão) (CRESWELL 2007. p. 35)

Para tanto a pesquisa adotou procedimentos bibliográficos que foram essenciais para a construção do artigo,

amadurecendo e ampliando os conhecimentos envolvidos na temática. De acordo com Vergara (2007 p. 78), a pesquisa bibliográfica consiste no estudo sistematizado, desenvolvido com base em livros, revistas, jornais, redes eletrônicas, isto é, material acessível ao público em geral.

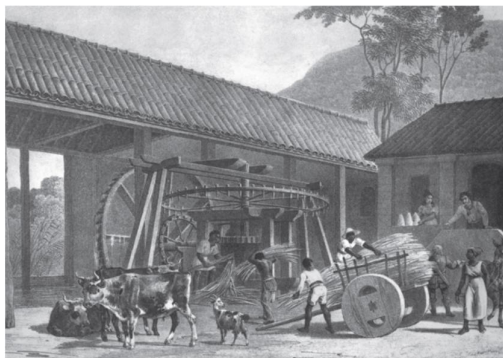
Palmares

Palmares nasceu naquele que teria sido o maior e mais longo reduto negro da história Brasileira, o movimento de resistência escravo mais famoso, o quilombo dos Palmares, quilombo que na língua banto significa “povoação”. E como resiliência pode ser definida como “a capacidade humana de enfrentar, vencer e se fortalecer ou se transformar por experiências adversas” (ALCÂNTARA, FURTADO, MONTEIRO, 2011) a experiência do Quilombo dos Palmares marcou a história de um povo e de suas lutas. O movimento que entre 1597 e 1695 tinha sua sede na cerca Real do Macaco, ou Serra da Barriga onde abrigava aproximadamente 20 mil negros que ali buscavam sua liberdade, o maior quilombo da América Latina, foi terreno de muitas batalhas, guerras e histórias, heróis, traições, representações da construção da consciência de uma raça. Palmares tem na sua origem na luta e resistência, a resiliência de um povo para resistir a situações adversas.

E mesmo diante dessa importância, sua produção historiográfica é considerada por muitos, ainda escassa e o seu debate disperso, como os seus principais autores são do século XX, em sua maioria filiada a partidos de esquerda, o que deu a sua bibliografia um viés marxista (MENDES, 2008). O que caracterizou a primeira luta de classes na história do Brasil, pois na exposição das contradições do sistema escravista estaria o mérito de Palmares (REIS,

2004). Priorizando assim aspectos políticos revolucionários, dando destaque as estruturas políticas e militares do quilombo e deixando em segundo plano, aspectos como religião e o modo de vida.

O primeiro autor a analisar Palmares foi Rocha Pitta no livro *História da América Portuguesa* de 1730, comparando as lutas do governo português contra Palmares, com as lutas de Roma contra os gladiadores rebelados. Já Alfredo Brandão (1934) classificou Palmares como o “primeiro grito de independência do Brasil” e Jayme de Altavilla (1935) chamou de “primeiro grito de liberdade contra o regime colonial português”. E Arthur Ramos no livro, *O Negro na Civilização Brasileira* (1956), coloca que, Palmares não era um simples quilombo, mas que se caracterizava como um estado de tradições africanas dentro do Brasil, e com a publicação de *O Quilombo dos Palmares* (1947), de Edison Carneiro onde o autor coloca o quilombo como um fato novo, único e peculiar da vida nacional em todos os aspectos, caracterizando assim a visão hegemônica de Palmares como símbolo de liberdade construída pelos negros (MENDES, 2008).



O quilombo dos palmares² apresentavam aldeias construídas numa

² As obras do pintor alemão Rugendas retratam a vida dos escravos nas lavouras do século XIX.

extensão que iria do rio São Francisco ao Cabo de Santo Agostinho, entre montanhas e florestas de difícil acesso e abundância de palmeiras que o transformaram em um local de refúgio, dezenas de mocambos povoavam a região e cultivam suas terras e realizavam trocas mercantis com os excedentes de farinha, vinho de palma e manteiga que eram trocados por armas, pólvora, ferramentas e o que mais necessitavam nos mocambos (GOMES, 2011, p. 14).

Tem sua fundação atribuída à princesa congoleza Aqualtune, mãe de um dos grandes líderes o lendário Ganga-Zumba, Aqualtune era uma princesa africana filha do rei de Congo, liderava um exército de 10 mil guerreiros, mas devido a guerras entre reinos africanos foi derrotada em uma batalha, onde foi aprisionada e vendida como escrava, levada a um navio negreiro foi vendida e veio ao porto do Recife. Comprada por um dono de engenho da cana de açúcar como escrava reprodutora foi levada para região de Porto Calvo, na época sul de Pernambuco (hoje Alagoas), onde conheceu a história de resistência dos escravos da região. Nos últimos meses de gravidez organizou uma fuga junto a outros escravos para o quilombo onde sua linhagem real foi reconhecida pelos palmarinos (SANTOS, 2011).

Herdeiro do reino, Ganga Zumba assumiu o posto de líder dessa fortaleza chamada quilombo dos Palmares, com território equivalente a um terço de Portugal aproximadamente, seria o primeiro estado livre das Américas, o que significava uma afronta à sociedade escravista da época. Inúmeras foram às investidas para destruir Palmares, o

quilombo resistiu a 25 guerras. Ganga Zumba foi morto por dissidências internas depois de fazer um acordo de paz com o governador de Pernambuco D.



Pedro de Almeida em 1678, onde os escravos nascidos no quilombo estariam livres e viveriam nas terras do sítio Cucaú, submetidos à Ganga-Zumba, e os demais seriam entregues as autoridades coloniais. O que foi considerado uma traição pelo povo, que liderados por Zumbi, foram contrários ao acordo de paz e recusaram deixar Palmares, o que gerou revolta e a morte de Ganga-Zumba (REIS, 2004).

Zumbi³ nascido em 1655 quando o quilombo já estava organizado e liderado por Ganga-Zumba seu tio, mas foi entregue a família Lins, depois que seu povoado foi atacado por Brás da Rocha Cardoso, que aprisionou a todos do povoado. A poderosa família financiou a investida e por isso foi presenteada com os escravos entre eles um recém-nascido. O padre Antônio Melo, pároco do distrito de Porto Calvo recebeu a criança como presente, batizando-a com o nome de Francisco, o educou como coroinha, falava o português e o Latim com apenas 10 anos. Mas o espírito guerreiro falava mais alto, e ao completar quinze anos de idade fugiu para o Quilombo dos Palmares, passando a se chamar Zumbi.

Os maus-tratos e a opressão levavam à revolta e à fuga para comunidades como o Quilombo dos Palmares. Fonte: FUNARI (2005)

³ Esta imagem de Zumbi pintada por Antônio Parreiras foi utilizada com diferentes interesses ideológicos, ora para ressaltar a fraqueza do negro, ora para valorizar sua força. Fonte: FUNARI (2005)



Assumiu o posto de líder do quilombo com a morte de Ganga-Zumba e foi o mais famoso de seus guerreiros, com uma capacidade

militar impressionante foi o símbolo da luta contra o sistema colonial. Realizava diversas expedições nos povoados de Serinhaém, Porto Calvo e Penedo principalmente para capturar armas e munições, assim como saqueava fazendas e estabelecimentos comerciais.

Depois de várias batalhas e tentativas fracassadas de destruir o quilombo, em 1690 o bandeirante Domingos Jorge Velho⁴ recebeu a incumbência de exterminar os focos de resistência. Foi derrotado e rechaçados várias vezes, mas sempre voltava com reforços e em 1694 cercou o quilombo com 9 mil homens e alguns canhões, o que lhe permitiu adentrar as muralhas de macaco, após duas semanas de combates, invadindo assim a capital palmarina. Zumbi fugiu e com um grupo de guerreiros, ainda mantinha viva a rebelião escrava. Tempos depois um dos seus homens foi capturado e sob intensa tortura, revelou o esconderijo rebelde, que foi atacado. Zumbi resistiu mesmo ferido ainda matou diversos homens, mas foi morto em 20 de novembro de 1695. Sua cabeça decepada e enviada a Recife onde ficou em praça pública para amedrontar os negros e satisfazer os ofendidos (REIS, 2004)

⁴ Imagem de Domingos Jorge Velho em óleo de Benedito Calixto: o bandeirante responsável pela aniquilação de Palmares é representado em trajes limpos e posição heroica. Fonte: FUNARI (2005)

O maior herói da luta negra no Brasil não deixou nenhuma obra escrita com seus ideais e motivações. Os registros do herói dos Quilombos variaram ao longo da história, e estão meio que cifrados pela escrita dos vencedores. Segundo Reis (2004), até 1980 havia apenas oito documentos noticiando a existência de Zumbi⁵, o que revela dificuldades e problemas em sua historiografia. Afrontou a sociedade da época, atacou cidades, quebrou paradigmas, buscou a liberdade, se tornou símbolo da luta e resistência de um povo. Sua história ainda contém diversas nuances e detalhes que não caberiam em um artigo, mas o contexto histórico dessa região, sua formação, suas raízes, sua história, esquecida ou escondida, revela em certo sentido os conflitos da sociedade moderna, a liberdade, a igualdade, as lutas pelo poder, a formação política, seus símbolos e construtos hegemônicos que marcaram e configuram esse relato, permeiam os primórdios da aldeia aos subterfúgios urbanos da cidade.



Teu nome relembra a história⁶
De brasileiros escravos
Que morreram como bravos
Na jornada tormentória

⁵ Retrato de Zumbi feito por Manuel Victor, mostrando um homem forte, mas de expressão tranquila e olhar franco. As várias representações do líder negro mostram que a fidelidade à realidade é substituída por valores e julgamentos pessoais e de época. Fonte: FUNARI (2005)

⁶ Soneto "Saudação a Palmares", publicado por Fernando Griz em 1892. No livro autobiográfico "Sonhos e Lutas", editado em 1924, este soneto reaparece explicando o "espírito literário e guerreiro" da cidade.

Sobre a montanha alterosa
- Abrigo dos perseguidos –
Foi que soltaste os vagidos,
Cidade laboriosa!

Salve, ó terra dos Palmares!
Que tens, vibrando em teus ares,
Da liberdade a canção.

Tiveste soberba origem;
Simbolizas a vertigem
De um sonho de redenção!

Resiliência

Yunes (2003) explica que o conceito tem sua origem na Física e na Engenharia tendo como um dos seus precursores o cientista inglês Thomas Young que em 1807, considerando a tensão e compressão introduz pela primeira vez a noção do módulo de elasticidade. Ao descrever experimentos sobre tensão e compressão de barras, buscando a relação entre a força que era aplicada num corpo e a deformação que esta força produzia.

A resiliência agora é vista como uma deformação máxima que um corpo é capaz de armazenar sem sofrer deformações permanentes, ou seja, quando um material demonstra a capacidade de absorver energia sem sofrer deformação irreversível (YUNES, 2003). A autora argumenta que nos materiais o módulo de resiliência pode ser obtido em laboratório através de fórmulas matemáticas e medições sucessivas que relaciona tensão e deformação e que fornece com precisão a resiliência dos materiais, comprovando empiricamente que diferentes materiais apresentam diferentes módulos de resiliência.

Com o passar do tempo naturalmente essa transposição do mundo da física para os fenômenos humanos com a ideia de resiliência fica clara a necessidade de cuidados e mediação, bem como de

indagações (GOLDSTEIN, 2012). Ao enfrentar grandes adversidades seria possível o ser humano voltar a ser o mesmo? E no caso de verdadeiro, como isso seria saudável? Fica claro então a necessidade da compreensão humana de fatores que combinados provocam as transformações que afetam de maneira subjetiva e objetiva o curso de uma vida e suas ações, mudando a forma como a realidade é vista e enfrentada. Ou seja, nem todos os eventos adversos poderão ser superados, já que determinados episódios impactam a subjetividade humana de tal forma que criam marcas que necessitam ser reelaboradas ou resinificadas diante da vida (ASSIS, 2005)

A palavra resiliência carrega simbolicamente o movimento de reação ao contexto desfavorável, uma plasticidade humana diante das situações adversas (GOLDSTEIN, 2012), o que fica bem evidente quando a lupa da história aponta para as lutas dos negros no Brasil. Ou seja, são as situações ruins que constroem na vida humana essa capacidade de reagir, de despertar e concretizar potencialidades que muitas vezes estavam latentes. Quer dizer, ela pode ser vista como o processo dinâmico de adaptação positiva em contexto de significativa adversidade (LUTHAR, 2000). O que no caso de Palmares levou um povo a buscar um lugar de refúgio, uma fortaleza que se tornasse o símbolo da luta, o lugar da liberdade. Esse processo de reelaboração particular, frente as mazelas promovem uma nova elaboração de sentimentos, afetos e também de ações (MARTINS, 2013)

O termo já algum tempo transcendeu as fronteiras da física e da engenharia e chegou a diversas ciências como a biologia, a odontologia, a educação, a sociologia e sobre tudo a psicologia,

que se utilizam dos seus conceitos para explicar características e fenômenos presentes em qualquer ser humano. Hoje é sabido “que a resiliência desempenha um papel fundamental nas ciências sociais e humanas, a superação das adversidades é resultado das capacidades individuais e da interação social de um indivíduo”, mas desde o final dos anos 1980, o conceito vindo sendo utilizado para analisar as interações humano ambientais em sociologia, psicologia, assim como na economia, para descrever como os humanos afetam a resiliência dos ecossistemas (AHSAN, 2013).

"A capacidade de um sistema social ou ecológico de absorver perturbações, mantendo a mesma estrutura básica e os modos de funcionamento a capacidade de auto-organização, e a capacidade de se adaptar ao estresse e mudança." (IPCC, 2007).

Embora as ciencias administrativas tenha se apropriado do conceito para explicar e descrever fenômenos organizacionais (SACHUK, 2008), não existe ainda uma definição universal para resiliência (AHSAN, 2013), o termo permanece dentro de um panorama contemporâneo complexo dinamizando seu uso e aplicação, mas em sua essência, ainda se caracteriza como um fenomeno predominantemente humano (GOLDSTEIN, 2012).

Por outro lado, dentro de componentes éticos a resiliência pode sim contribuir para o desenvolvimento organizacional e de sua capacidade diante das dificuldades e desafios enfrentados no mercado, fortalecendo assim as pessoas dentro da sociedade contemporânea (SACHUK, 2008), mas fica evidente que nesse encontro de competências humanas e organizacionais para o desenvolvimento da resiliência, grande parte do *mainstream* carrega um forte

componente ideológico, existindo aqui o perigo deste construto reforçar o darwinismo organizacional já profundamente estruturado dentro do meio, potencializando a competição individual e grupal onde apenas os mais fortes celebram a vitória, esmagando os demais.

Mas como “compreender como algumas pessoas são capazes de superar uma adversidade, é um dos objetivos investigados pelos estudiosos da resiliência” (MARTINS, 2013), embora se tratando das ciencias humanas esse ainda é um conceito em construção, neste sentido a resiliência se refere a superação de situações adversas, e seu crescimento pessoal frente aos problemas enfrentados.

Na história da humanidade, os grandes resilientes foram justamente aqueles homens e mulheres que se propuseram a mudar a sociedade e a cultura em que viviam, assumindo em si mesmos a tarefa de plasmar na sociedade seus próprios valores e ambições de transformação. (BARLACH, 2005, p. 78)

Abordar a resiliência sob a ótica afrodescendente, especialmente quando este caleidoscópio aponta para Zumbi dos Palmares pode ser extremamente rico e singular, por isso ao olhar para esta história e seus primeiros comportamentos de superação e transformação de um povo perante as adversidades é reconstruir o imaginário afrodescendente brasileiro, afinal “a resiliência do afrodescendente é indiscutivelmente singular a qualquer outro grupo por ser uma resiliência alicerçada na resistência, na alegria e na perseverança”(MARTINS, 2013, p. 87).

Desse modo a resiliência pode ser mais um elemento aglutinador a ser estudado, afim de não apenas desconstruir

preconceitos ou ideias errôneas sobre os afrodescendentes, mas também aprofundar suas virtudes, qualidade e potencialidades humanas.

A resiliência relacionada às questões afrodescendentes é um campo pouco pesquisado, denotando que é passível de mais investigações. Resiliência e Psicologia Positiva podem contribuir não somente para ajudar a entender melhor e talvez desenvolver e fazer emergir as forças e as virtudes do caráter, como também para relembrar o desejo de Luther King de “que os meus filhos não sejam julgados pela cor de sua pele, senão pela retidão do seu caráter”. Nesse processo, a compreensão por meio dos estudos, das forças e das fortalezas dos afrodescendentes, somados às outras múltiplas formas já existentes, como as realizadas pelos movimentos sociais e pelas políticas públicas, muito podem influenciar no desmonte aos racismos e aos sexismos (MARTINS, 2013, p. 93)

Considerações finais

Os conhecimentos em torno da resiliência são utilizados por diferentes áreas do conhecimento, tendo dessa maneira diferentes aplicações e enfoques (NADAL, 2007) com isso as pesquisas em torno da resiliência mudaram a forma como se percebe o ser humano (INFANTE, 2005), levando a abordagens mais dinâmicas, complexas e profundas em suas reflexões. Levaram aqui a entender toda a força dos quilombos, sua capacidade para reagir em meio a um contexto totalmente desfavorável, sem perspectivas, sem exemplos a seguir, estas respostas apontam a novas entendimentos sobre a cultura negra e sua força.

A revolta dos quilombos foi um marco da resistência negra no Brasil, uma

estratégia de oposição a estrutura escravocrata, tirana, cruel e desumana implantada para oprimir uma raça. O quilombo não significou apenas um lugar de refúgio de escravos fujões, mas a organização de uma sociedade livre (SILVA, 2009). Homens e mulheres que se recusavam continuar a viver sob um regime que lhes tolhia não apenas a liberdade, mas a dignidade como ser humano. Um lugar onde a sua cultura era preservada, sua identidade étnica era formada através de veias que transcendiam a consanguinidade e o parentesco e se firmavam tecidas sobre as lutas, as adversidades, o enfrentamento e a busca por um lugar de paz.

Neste sentido o quilombo dos Palmares foi um conjunto complexo de condições, atitudes e ações que apesar das adversidades tiveram resultados positivos, aquilo que Alcântara, Furtado e Monteiro, (2011) chamam de Resiliência social, ou seja, “é a capacidade humana para enfrentar, vencer e se fortalecer ou se transformar por experiências de adversidade”. Escravizados, humilhados, arrancados de sua cultura, de sua pátria, de suas famílias, mortos e estigmatizados os negros nos quilombos foram uma prova que a resiliência negra não foi apenas um fator individual, mas uma característica comunitária que desencadeou um processo de recuperação social, um grito de liberdade em defesa da consciência de uma raça, que causou uma ruptura naquele modelo de pensamento parasita escravocrata, e que teve no enfrentamento da escravidão, o elo comum que ligava um povo ao seu passado, mas principalmente levou a esperança de um futuro, em um lugar chamado quilombo, que deixou bem claro que, “a proximidade, o vínculo social com o outro e a mobilização para

lutas coletivas contribuem para a resiliência de uma comunidade” (ALCÂNTARA, FURTADO e MONTEIRO, 2011, p. 12).

A resiliência e sua aplicação na atualidade é definida como um conjunto de processos sociais e intrapsíquicos que proporcionam ao indivíduo desenvolver e fortalecer a construção de competências em ambientes de instabilidade e pressão (SILVA e ELIAS, 2015 Apud CARMELLO, 2008), por outro lado, muitos “defendem que o termo resiliência traduz conceitualmente a possibilidade de superação num sentido dialético, o que representa não uma eliminação, mas uma re-significação do problema” (PESCE, et al, 2004), e como “O conceito de resiliência implica em uma abertura para pensar a plasticidade do comportamento humano diante das adversidades da vida” (LIMA, 2005), é natural estabelecer aqui, Zumbi dos Palmares como um grande exemplo de resiliência. Uma vida desprovida de recursos, fatigada pela tortura, pela escassez de perspectivas, e pela indignação com o *status quo*, fez de Zumbi um líder de um movimento libertário que, não marcou apenas a história daqueles negros oriundos de Pernambuco e Alagoas, mas a história de uma raça por gerações no país.

Apesar de toda subjetividade envolvida na construção da resiliência, e em seus processos envolvendo o fortalecimento das competências ao enfrentar as adversidades, ela é “um conceito complexo, que resgata a dimensão dialética dos componentes biológicos, individuais e sociais do comportamento humano (LIMA, 2005). A resiliência negra aqui despertada e representada por Zumbi dos Palmares, mostrou que, escravidão e resiliência, o que para alguns em um primeiro momento não

parecem estar conectadas, na verdade são duas faces da mesma moeda, pois quando as lentes da história se aproximam do cotidiano dos quilombos, e da vida dos escravos, fica evidente a construção dos sentimentos, dos anseios, dificuldades e sonhos envolvendo os negros, suas buscas e força para enfrentar todas as adversidades impostas pela sociedade da época, e porque não estender a atual, a “resiliência é uma contribuição para a mudança de paradigma epistemológico, já que considera o indivíduo agente de sua própria ecologia e adaptação social” (INFANTE, 2005).

O artigo buscou através de Zumbi dos Palmares fazer uma releitura de sua história, experiências, discriminação, humilhação, opressão e morte, para mostrar que a resiliência sempre foi inerente a história dos escravos nos quilombos e se mistura com a história afrodescendente no Brasil de maneira geral. Mesmo que a resiliência associada a questões afrodescendentes ainda seja incipiente e escassa (NADAL, 2007), os fatos históricos aqui apresentados, estabelecem uma fronteira de pertencimento conceitual entre resiliência e os estudos da cultura afro-brasileira, de tal forma que, não podem ser compreendidas em sua totalidade sem essa construção pluralista necessária para compreender a realidade dessa nação. Mesmo que ainda possa ser considerada por alguns como inconclusa, as reflexões aqui apresentadas apontam para além das possibilidades, mas consideram a relevância da resiliência negra dos quilombos, seu importante papel na história do Brasil, seu processo de superação de todas as adversidades, mostrou Zumbi não apenas como um líder guerreiro, mas como um símbolo da luta, das buscas e das glórias de um povo, um povo que não aceitou o

destino, as normas, as leis, mas que permaneceu inflexível as ofensas, aos castigos, que resistiu, recuperou, superou as dificuldades e acima de tudo um povo que se tornou sinônimo de resiliência.

Referências

AHSAN, Shaikh Muhammad Mehedi. **Resilient Cities for the Poor or by the Poor? A Case Study from Bangkok**. Berlin, 2013.

ALCÂNTARA, Edinéa de Barros e Silva. FURTADO, Maria de Fátima Ribeiro de Gusmão. MONTEIRO, Circe Maria Gama. **Resiliência Social Urbana: Compreendendo como comunidades pobres sobrevivem em face de políticas públicas inadequadas**. Encontro da Sociedade Brasileira de Economia Ecológica. Brasília- 2011.

ASSIS, Simone Gonçalves et al. **Encarando os desafios da vida: uma conversa com adolescentes**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2005.

BARLACH, L. **O que é resiliência humana? Uma contribuição para a construção do conceito**. 2013, (Dissertação de Mestrado em Psicologia) Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil. 2005

CRESWELL, John W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto** - 2. ed. - Porto Alegre: Artmed, 2007.

FLICK, U. **Métodos de Pesquisa: introdução à pesquisa qualitativa**. 3ª Ed. Porto Alegre: Artmed, 2009

GERHARDT, Tatiana Engel. SILVEIRA, Denise Tolfo, **Métodos de Pesquisa**, UFRG, 2009.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**, 6.Ed. São Paulo, Atlas, 2008.

GOLDSTEIN, Thaís Seltzer. **Entre o conceito e a metáfora: a resiliência como abordagem do humano a partir da física dos materiais**. O mundo da saúde, São Paulo- 2012.

GOMES, Flávio dos Santos. **De olho em Zumbi dos Palmares : histórias, símbolos e memória social** — São Paulo: Claro Enigma, 2011

INFANTE, Francisca. **A Resiliência como Processo: uma revisão da literatura recente**. 2005.

IPCC, 2007: Climate Change 2007: **Impacts, Adaptation and Vulnerability. Contribution of Working Group II to the Fourth Assessment Report of Intergovernmental Panel on Climate Change**, M.L. Parry, O.F. Cambridge, UK, 976pp.

LIMA, Antônio José. **Infância, resiliência e escravidão no contexto brasileiro**. 2005

LUTHAR, Suniya S. **The construct of resilience: a critical evaluation and guidelines for future work**. 2000.

MARIZ, Luiz A.; GOULART, Sueli; RÉGIS, Helder P.; DOURADO, Débora. **O reinado dos estudos de caso na teoria das organizações: imprecisões e alternativas**. Cadernos EBAPE, volume III, número 3, pp. 1-14, julho, 2005.

MARTINS, Lucienia Libania Pinheiro. **Afrorresilientes: a resiliência de mulheres afrodescendentes de sucesso educacional**. 2013.182f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2013.

MARTINS, Maria Helena. **Resiliência Familiar: Revisão teórica, conceitos emergentes e principais desafios**. Cadernos do GREI n.º 10 fevereiro 2014.

MENDES, Laura Peraza. **As expedições contra os mocambos de Palmares (1654- 695)**. In: ENCONTRO DE PESQUISA DE GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA, 1., 2008, Campinas, SP. Anais... Campinas, SP: UNICAMP, 2008. Disponível em: <http://www.ifch.unicamp.br/graduacao/anais/laura_mendes.pdf>. Acesso em: 04/08/2014.

NADAL, Carla Marlise Silva. **A resiliência ao longo da vida de afrodescendentes**. 2007, dissertação (Mestrado em Educação) Fac. de Educação, PUCRS, 2007.

PESCE, Renata P. Et al. **Risco e Proteção: Em Busca de um Equilíbrio Promotor de Resiliência**. 2004 Psicologia: teoria e pesquisa, mai.-Ago, 2004, Vol. 20n.2pp.135-143.

REIS, Andressa Mercês Barbosa dos. **Zumbi: historiografia e imagens**. 2004, (Dissertação de Mestrado em História) Faculdade de História, Direito e Serviço Social- UNESP, Franca, 2004.

SACHUK, Maria Iolanda. GANGUSSU, Ewerton Taveira. **Apontamentos iniciais sobre o conceito de resiliência**. 2008

SANTOS, Giselle Cristina dos Anjos. **Somos todas Rainhas**. Coleção histórias das mulheres

negras passado, presente e futuro. São Paulo, 2011.

SILVA, Joseane Maia Santos. **Comunidades quilombolas, suas lutas, sonhos e utopias**. Revista Palmares – Cultura Afro-brasileira – Tempo de cidadania e diversidade. Ano V, n. 5, ago. 2009.

SILVA, Kethelin Aparecida; ELIAS, Leandro Eustáquio. **Racismo e Resiliência**. Anais do congresso de pesquisa e extensão e da semana de ciências sociais da UEMG/Barbacena, 2015

VERGARA, Sylvia Constant. **Projetos e Relatórios de Pesquisa em Administração**. 9. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

YUNES, Maria Ângela Mattar. **Psicologia positiva e resiliência: o foco no indivíduo e na família**. Maringá, Universidade Estadual de Maringá, **Psicologia em Estudo**, v. 8, número especial, 2003, p. 75-84.

Recebido em 2017-01-21

Publicado em 2017-10-05